

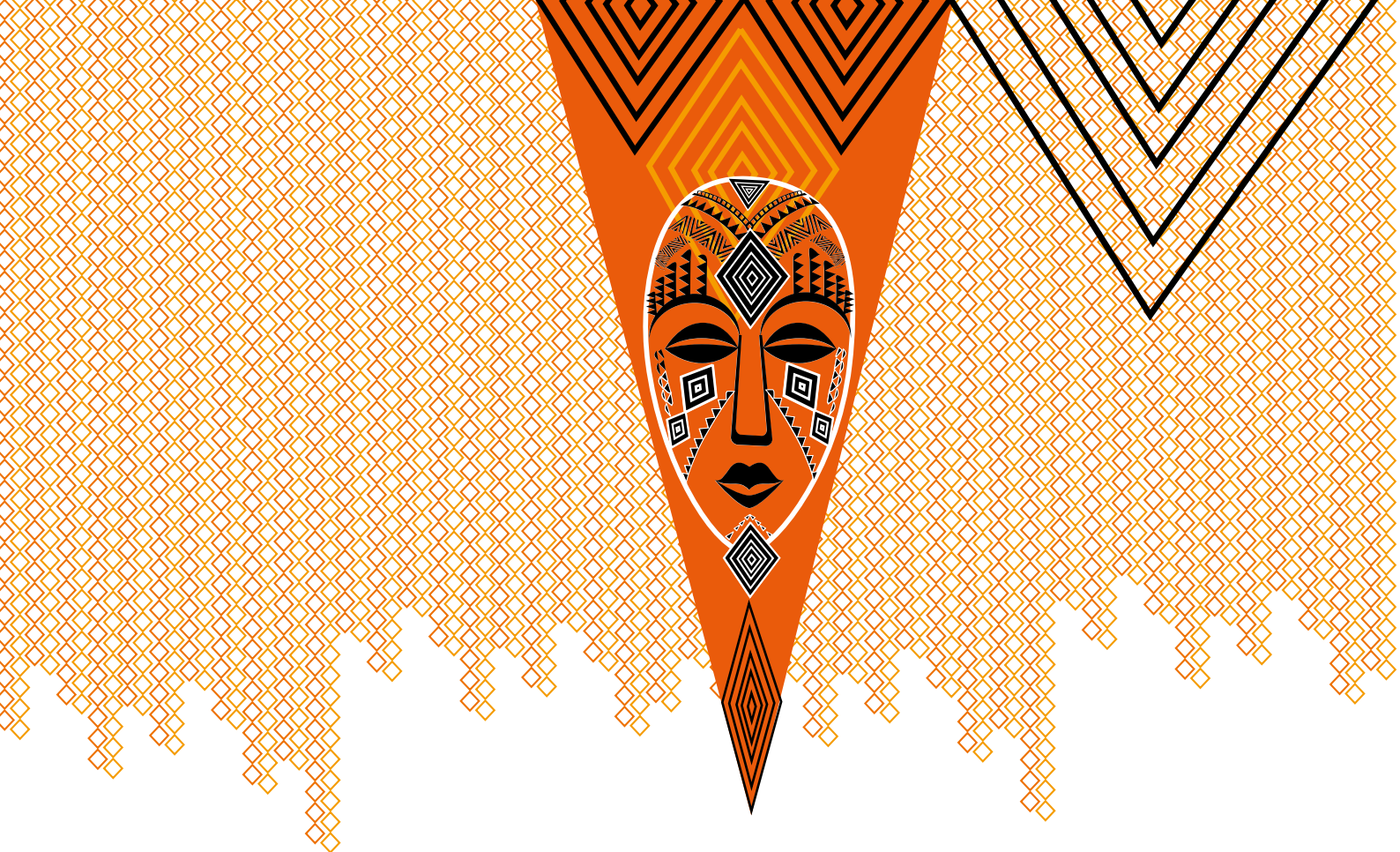


Ilustração: Cassiana Paula Cominato

Sarau Lélia Gonzalez: decolonialidade e representatividade

Lucineide Ferreira dos Santos

EMEF Desembargador Theodomiro Dias - DRE Butantã



A pandemia de COVID-19 acentuou e evidenciou as desigualdades inscritas nos marcadores sociais de etnia e gênero em nosso país, sobretudo nas regiões periféricas das grandes cidades, como a comunidade de Paraisópolis. Após um ano de quarentena, a escola reabre, ainda em contexto de pandemia, submetida a protocolos de saúde e prevenção, que trouxeram para o cotidiano escolar novas dinâmicas de funcionamento e as tensões vividas fora dela. Quais são as prioridades da escola, no retorno às aulas presenciais, em contexto de pandemia? Como acolher os mais diversos sentimentos e lidar com as tensões sociais intensificadas e trazidas para a instituição escolar nesse momento? Estudantes enlutados, apáticos, desestimulados; outros apresentando crises de ansiedade ou agressividade faziam a escola parecer algo distante e desconexo de suas vidas.

As situações comunicativas entre os e as estudantes evidenciavam enunciações pautadas pela agressividade, pelo medo, pelo sofrimento; passaram a ser frequentes as queixas de agressões de teor racista, sexista, homofóbico; a desvalorização do corpo, sobretudo do corpo negro, com destaque às (des)qualificações relativas ao cabelo, em um contexto no qual os indivíduos já enfrentavam o sofrimento gerado pela situação de pandemia, revelava sujeitos machucados, com a imagem distorcida de si mesmos.

Esse olhar sensível foi o que mobilizou o grupo de professores da Unidade Educacional: Lucineide Ferreira, Andrea Lages, Dyegho Lobo, Adriana Santos, Lourival Vieira, Hugo Silva, Jamila Cruzado e a coordenadora pedagógica Michelle Mendonça, no intuito de desenvolver um projeto de trabalho que problematizasse a construção das narrativas sobre as minorias representativas

nos meios de comunicação. Partimos de estudos que revelava o projeto de aniquilamento ou subalternização dos corpos negros pela elite branca após o 13 de maio, impondo sua versão eurocêntrica da história, a versão “do vencedor”. A esse projeto nomeamos “Veremundo em Movimento”, força motriz das práticas e produções que culminaram no “Sarau Lélia Gonzalez”. Também atendemos aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS da Agenda 2030, que preza pela necessidade de assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos.

Os(as) estudantes, em esquema de revezamento, participaram dos aulões (aulas compartilhadas) na própria escola, ou de casa, utilizando o recuso dos tablets. Os recursos utilizados foram aparelhos de TV, data show, rede de internet e tablets. Para realizar a transmissão dos aulões, usamos a plataforma “Meeting”.

O primeiro aulão teve como tema os “Movimentos sociais e Organizações não Governamentais (ONGs) na comunidade de Paraisópolis”, protagonizado pelos professores, especialmente por Lucineide, Jamila e Dyegho, que expuseram conceitos e olhares sobre o balé de Paraisópolis e as Organizações não Governamentais atuantes neste território, a partir de uma perspectiva crítica. O segundo aulão, “Isenção fiscal e ONGs esportivas”, foi liderado pelos professores Lourival e Hugo, que discutiram o conceito de ONGs e como recolhem recursos para os projetos sociais, obtendo benefícios fiscais.

O terceiro aulão, “Decolonialidade dos olhares: de Debret aos movimentos sociais”, foi liderado pela professora Lucineide Ferreira e pelo professor Dyegho Lobo, que o desenvolveram a partir da apreciação e problematização da pintura “Um jantar brasileiro, 1827”, de Jean-Baptiste Debret, e as imagens e vídeos de um jantar de comemoração dos trabalhos de uma ONG atuante em Paraisópolis - o que os aproxima? Os(as) professores(as) abordaram os conceitos do

olhar do europeu e questionaram a ideia de norte geográfico como referencial para o pensamento hegemônico, excludente e de subalternização. Em contraponto a esse conceito, trouxeram também o conceito de “quilombo” e “aquilombamento”, como prática de resistência e de humanização.

O quarto aulão, “Arte como resistência e prática de decolonialidade na periferia”, foi protagonizado pelas professoras Adriana, Andrea e Jamila, que retomaram o processo de marginalização e criminalização dos afro-brasileiros desde a Abolição. Foram utilizados trechos do documentário do grupo Racionais “Mil trutas, mil tretas”, bem como do discurso do ex-presidente Washington Luiz, defendendo a morte dos negros recém-libertos que ocupavam as ruas e viadutos dos grandes centros urbanos. Em seguida, houve uma abordagem do rap como forma de resistência do povo negro na periferia, e dos saraus do Binho e Cooperifa como manifestação de resistência nas periferias, finalizando com os slams de poesia, que estão ganhando espaço no Brasil, desde 2011.

Como proposta de formação de professores e estudantes, a coordenadora Michele propôs a revisitação de autores importantes dos estudos sobre a diáspora negra no Brasil, resultando na escolha de Lélia Gonzalez como homenageada do sarau.

Na sequência de cada aulão, foram desenvolvidos com os(as) estudantes diversos trabalhos que foram apresentados no Sarau Lélia Gonzalez, como a produção de uma “carta a Luiz Gama”, conduzida pela professora Lucineide; a sensibilização para construção de narrativas de si, a partir da leitura do conto “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, conduzida pelas professoras Adriana, Lucineide e Andrea; a aula sobre “Representatividade”, a revisitação de autores negros na poesia, realizadas por todas as professoras, preparando os(as) educandos(as) para a escolha de poemas



a serem lidos no sarau “Lélia Gonzalez”. Produções autorais também compuseram o sarau, como o poema “Lélia Presente”, elaborado pela aluna Thalya e o professor Érico. Representações de figuras importan-

tes de intelectuais e artistas, feitas pelos(as) estudantes preencheram o cenário do Sarau. Desfile de estudantes negros e negras promoveu a valorização dos aspectos físicos que expressam a negritude.

“Lélia Vive”

Trazer a vida e obra de Lélia Gonzalez aos(as) estudantes de Paraisópolis tornou-se um marco de resistência e empoderamento do corpo estudantil e docentes. Rompendo com a sedimentação da cultura escolar, na qual centraliza-se na imagem do professor como detentor do conhecimento: conhecimento esse didatizado, branco, europeu, classista e elitista. E ao colocarmos o corpo estudantil e Lélia como centro do trabalho docente, o contexto evidencia um confronto entre o velho e o novo, entre o tradicional e o transgressor, entre o “sempre foi feito assim” para uma ação revolucionária de mudança.

Na coordenação pedagógica, foi traçado um acompanhamento do projeto na busca de fortalecer a participação dos(as) estudantes nos horizontes dos aulões e fortalecer um espaço contínuo de diálogo. Nutrindo os caminhos escolhidos a serem trilhados pelo grupo docente, foi convidada para a JEIF a historiadora Melina de Lima, neta de Lélia Gonzalez. A formação coletiva com o grupo não apenas ampliou o repertório cultural e reflexivo sobre a educação antirracista, como também deu oportunidade para conhecermos Lélia Gonzalez, que além de transgressora, antropóloga, ativista, militante, foi avó, mãe e mulher a frente do seu tempo.

Referências

COSTA, Joaze Bernardino; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez, em primeira pessoa. São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanistas de São Paulo, 2018.

RACIONAIS MC's. Mil trutas, mil tretas. São Paulo: Cosa Nostra, 2006. 1 vídeo (1min29).

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez** – Retratos do Brasil negro. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Cidade**: Ensino Fundamental: Componente Curricular História. 2. ed. São Paulo: SME/COPED, 2019.

